

TRILHAS URBANAS VIRTUAIS - O USO DE VÍDEOS PARA ENTENDER COMO A URBANIZAÇÃO TRANSFORMOU FORTALEZA

Maria Eduarda Oliveira de Lima (01)

Universidade Federal do Ceará

mariaeduardaodl@alu.ufc.br

Douglas Ribeiro de Oliveira (02)

Universidade Federal do Ceará

douglasribeiro432@alu.ufc.br

Andreina Alves Santos (03)

Universidade Federal do Ceará

andreinaalves@alu.ufc.br

RESUMO: A adaptação para o modelo de ensino remoto, como medida de segurança frente a pandemia do Sars-Cov-2 (Covid-19), afetou a educação. Sendo preciso pensar em novas metodologias de ensino e aprendizagem, nas aulas virtuais. Esta produção tem como objetivo socializar o uso da metodologia do estudo do meio, de forma virtual, com uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) nas aulas de Geografia Humana, desenvolvido na disciplina de Oficina Geográfica III do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC. A construção de um recurso didático, uma videoaula, estimulou o estudo do meio, mesmo que de forma remota, abordando a temática da urbanização da cidade de Fortaleza, se mostrando uma ferramenta de grande potencial no ensino e através do estudo do meio.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Trajetos virtuais, Urbanização.

GT 06 – Geografia e apropriação urbana ensino de cidade e das comunidades tradicionais

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, as tecnologias se inseriram em diferentes áreas, entre elas a educação, o que resulta em novas práticas de ensino que fazem uso das Tecnologias Digitais

Orientadora: Alessandra Maria Vieira Muniz. Professora efetiva do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará.

da Informação e Comunicação (TDIC), ferramentas auxiliaadoras que dinamizam o processo de ensino-aprendizagem.

Consoante, as gerações mais jovens se familiarizam cada vez mais cedo com essas tecnologias, ampliando suas possibilidades no contexto educacional, portanto, a escola não pode se isentar de inserir metodologias que envolvam os discentes, de fato “Este é o desafio no momento atual para os professores: incorporar os recursos disponíveis da mídia numa aula realmente produtiva e desafiadora” (VIEIRA e SÁ, 2010, p. 103). Contudo, concordando com Vieira e Sá (2010), um professor que tenha domínio do conteúdo e conheça seus alunos consegue trabalhar qualquer tema interagindo com eles. As TDIC são um recurso que contribuem para tornar as aulas mais atrativas, desperta interesse, curiosidade e atenção dos discentes, além de ajudarem a melhorar a produtividade e o aproveitamento, principalmente do tempo, por parte de professores e alunos.

Em 2020, o mundo foi acometido pela pandemia do coronavírus. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), COVID-19 é uma doença causada por um novo coronavírus chamado SARS-CoV-2, primeiro detectado em Wuhan, República Popular da China. A rápida propagação do vírus acarretou impactos políticos, sociais e econômicos, afetando diferentes setores, entre eles a educação, que precisou adotar o modelo de ensino remoto como alternativa emergencial.

Frente a esse contexto, o uso de tecnologias se difunde com ainda mais força, devido à urgência em encontrar medidas que possam dar continuidade a um processo de ensino-aprendizagem de qualidade. As TDIC já se faziam presentes nas salas de aula e, segundo Muniz, Sousa Junior e Sena (2019), perpassam os atores envolvidos (docentes/discentes) e a questão do currículo, pois envolve políticas educacionais e reflete na formação e práxis do educador, bem como no processo de ensino e aprendizagem.

Na construção da Trilha Urbana Virtual, a ideia principal foi abordar assuntos de Geografia Humana, fazendo estudo do meio ao realizar, virtualmente, percursos na cidade de Fortaleza, fazendo uso das TDIC. De acordo com Lopes e Pontuschka (2009, p. 174), estudo do meio pode ser entendido como um método de ensino interdisciplinar que visa proporcionar para alunos e professores contato direto com a realidade. Esta atividade é marcada pela imersão em determinado espaço geográfico e diálogo com o mundo, buscando produzir novos conhecimentos.

Sabendo disso, a escolha do assunto e dos pontos para estudos deve ser cuidadosa. Voltando-se para a temática urbana, o vídeo produzido teve como intuito apresentar o fenômeno da urbanização na capital do estado, passando por pontos importantes, que ajudam a visualizar as transformações ocorridas nas últimas décadas: Avenida Francisco Sá, Praia de Iracema e Avenida Santos Dumont. Ao tomar como base essa ideia, podemos nos questionar: “Como as TDIC auxiliam no estudo do meio e na abordagem do conteúdo de Geografia?”

Assim, o presente texto, que tem como objetivo analisar como as novas tecnologias podem potencializar a abordagem de assuntos da Geografia, é resultado da proposta de atividade da disciplina de Oficina Geográfica III, no semestre de 2021.1, vinculada ao curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). As atividades ao longo da disciplina, assim como a aqui apresentada, prezam pelo rigor no planejamento e desenvolvimento de metodologias ligadas às TDIC, avaliando seus benefícios na abordagem de Geografia e tem como objetivo final a elaboração de um recurso didático, a Trilha Urbana Virtual.

2 METODOLOGIA

Seguindo uma abordagem qualitativa, segundo Lakatos e Marconi (2008, p. 269) característica pela análise, interpretação e explicação do comportamento, o processo metodológico iniciou com um levantamento bibliográfico, entre artigos da disciplina de Oficina Geográfica III e de periódicos científicos acerca da temática de urbanização de Fortaleza. Para os pontos abordados ao longo do trajeto, além de pesquisas em revistas científicas, as buscas foram feitas em jornais, livros e acervos.

No momento seguinte, as informações levantadas foram sistematizadas em um Plano de aula e um roteiro, que guiaram o que foi apresentado no vídeo, de forma que auxiliasse na transposição didática e possibilitasse maior compreensão e fluidez no decorrer da trilha. O vídeo foi construído inteiramente com o uso de computadores e celulares, programas de gravação de imagem e voz, sistemas de mapas online e aplicativos de edição.

2.1 LOCAL DA TRILHA

Para a realização da trilha, o recorte escolhido focou em três pontos: a Avenida Francisco Sá, a orla da Praia de Iracema e a Avenida Santos Dumont (figura 1). Do decorrer do trajeto algumas paradas são feitas para explorar mais a fundo a abordagem histórica, fundamental para o entendimento de como o processo de urbanização alterou o espaço.

Figura 1: Trechos dos pontos abordados na trilha - Av. Francisco Sá, Praia de Iracema e Av. Santos Dumont



Fonte: Google Earth, 2022.

A Av. Francisco Sá funciona como uma via de contrastes, antes principal polo industrial do estado, a zona industrial da Francisco Sá, transformou-se em uma via comercial e habitacional. Na Praia de Iracema, é importante entender o início do comércio portuário na cidade, tal como onde se concentram construções históricas, como o Estoril, a Ponte dos Ingleses e a Estátua Guardiã de Iracema. Por fim, a Av. Santos Dumont, é uma das mais importantes na cidade de Fortaleza, concentra uma série de serviços e atividades, é onde se localizam algumas das mais antigas instituições da cidade, portanto, importante na abordagem da temática urbana fortalezense.

2.2 INSTRUMENTOS DE COLETA

Os instrumentos utilizados para a realização da atividade fazem parte das referências básicas da disciplina de Oficina Geográfica III, textos voltados para Geografia Humana e ensino de Geografia, apoiados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a transposição didática. Plano de aula e roteiro, utilizados como guia para o vídeo, foram produzidos após leituras em periódicos científicos, além das mencionadas anteriormente, buscas em jornais e acervos, apurando informações e imagens. Por fim, para uma avaliação geral qualitativa dos vídeos produzidos na disciplina, estes foram disponibilizados para a turma por meio de Fórum na plataforma SIGAA da UFC, de modo que todos os alunos pudessem apreciar e analisar os materiais.

O uso de computadores e celulares foi fundamental para a realização do trabalho. O programa Google Earth foi usado para simular e apresentar o trajeto principal da trilha no modo Street View, enquanto o Google Maps marcava o caminho seguido. A extensão Loom, do navegador Google Chrome, foi útil na gravação do percurso. As falas foram gravadas com a ferramenta Gravador de voz, presente em smartphones, e o software aTube catcher. Por fim, para a junção das imagens de vídeo ao áudio e edição foram utilizados o software AVS Video Editor e o aplicativo InShot, disponível para sistemas Android e IOS. A etapa de edição do vídeo é fundamental, pois fazendo uso das ferramentas citadas, é possível fazer cortes, adicionar efeitos, legendas, imagens e músicas, acelerar e diminuir trechos, entre outras funções que ajudam a refinar e enriquecer o produto final. Para fácil acesso ao material, este foi armazenado no serviço Google Drive e compartilhado via fórum com a turma¹.

2.3 ETAPAS DA PESQUISA

No plano da disciplina de Oficina Geográfica III do Departamento de Geografia da UFC, foi proposta a produção de um recurso didático audiovisual, videoaula no modelo Trilha Urbana Virtual, que através estudo do meio, apresenta a cidade por meio das TDIC e ferramentas virtuais. Além disso, o texto da BNCC também foi utilizado como apoio para a produção do plano de aula e do recurso audiovisual.

¹ O vídeo produzido está disponível no link:
<https://drive.google.com/file/d/1j-HgBtaVeXZsw3v2woflqxzeLN3AFiVy/view?usp=sharing>

A atividade se realizou em quatro passos. A princípio, a discussão teórico-metodológica se sucedeu por meio de levantamento bibliográfico, discutindo sobre a temática para que, no segundo momento, fosse possível a construção de um plano de aula guia para a produção do recurso audiovisual. No terceiro passo, foi realizada a produção do vídeo. Nesta etapa, as informações e dados colhidos na pesquisa bibliográfica foram sistematizados em um roteiro, prezando pela transposição didática. Em seguida, as gravações foram iniciadas, tanto das imagens de vídeo quanto de áudios explicativos que seriam aglutinados e editados. Por fim, a socialização dos materiais produzidos entre a turma de Oficina Geográfica III foi via Fórum no SIGAA, promovendo discussões acerca do processo de produção, dos resultados e desenvolvimento da temática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente atividade possibilitou a análise da importância das TDIC para a relação de ensino e aprendizagem. De acordo com Muniz, Sousa Junior e Sena (2019), as tecnologias passaram a ser denominadas Tecnologias da Informação (TIC) com o advento da internet, abrangendo televisão e jornais, contudo, as chamadas Novas Tecnologias se referem às tecnologias digitais ou TDIC, abrangendo computador, tablet, celular, smartphone, entre outros.

Com as mudanças provocadas pela chegada do novo coronavírus, algumas mudanças que podem ser evidenciadas são o isolamento social, que tem como produto o ensino remoto emergencial. Sobre este, é importante mencionar que

Ensinar remotamente não é sinônimo de ensinar a distância, embora esteja diretamente relacionado ao uso de tecnologia e, nesse caso, digital. O ensino remoto permite o uso de plataformas já disponíveis e abertas para outros fins, que não sejam estritamente os educacionais, assim como a inserção de ferramentas auxiliares e a introdução de práticas inovadoras. A variabilidade dos recursos e das estratégias bem como das práticas é definida a partir da familiaridade e da habilidade do professor em adotar tais recursos. (GARCIA, MORAIS, ZAROS, RÊGO. 2020, p. 5)

Diversas transformações foram evidenciadas, professores precisaram dominar e estabelecer contato por meio de plataformas digitais. Consoante, Moreira, Henriques e Barros (2020, p.352) comentam que

[...] essa foi uma fase importante de transição em que os professores se transformaram em youtubers gravando vídeo aulas e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o Skype, o Google Hangout ou o Zoom e plataformas de aprendizagem, como o Moodle, o Microsoft Teams ou o Google Classroom. No entanto, na maioria dos casos, estas tecnologias foram e estão sendo utilizadas numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo.

A utilização das TDIC nesse período é de ainda maior importância para que ocorram aulas produtivas e dinâmicas. Entretanto, professores de diferentes áreas encontram barreiras devido à falta de familiaridade com algumas ferramentas de tecnologia, dificultando a adaptação e o progresso pedagógico.

Algumas ferramentas foram utilizadas para o desenvolvimento do recurso audiovisual aqui apresentado, entre elas destaca-se o Google Earth, no qual foi possível apresentar os diferentes pontos da Trilha Urbana, buscando aproximar o máximo possível o estudante e a área em questão.

O tema central do trabalho foi o impacto da urbanização na cidade de Fortaleza, focando em alguns pontos específicos da capital, bons exemplos das diversas transformações que ocorreram em nossa cidade e que modificaram a paisagem e funções dos locais. Diante disso, foi necessária uma ampla pesquisa, pelo fato da trilha percorrer três pontos distintos da capital. A busca em repositórios por artigos, matérias de jornais e acervos possibilitou um melhor desenvolvimento da atividade para, por fim, fazer a transposição didática, adaptando as leituras ao que seria abordado na aula e na trilha. Para tanto, a compreensão do conceito de cidade se faz importante.

Podemos, então, pensar nas cidades como produtos da relação do homem com o meio. De acordo com Lencioni (2008), algumas ideias são comuns às cidades, mesmo que possuam suas especificidades, são elas a) a aglomeração sedentária, referente ao povoamento e moradores, ou seja, pessoas que se estabelecem permanentemente nesses espaços; b) movimentação de mercado, pois são espaços de atividades econômicas e troca; e c) administração pública, pois muitos aglomerados, conseqüentes cidades, se originam de pequenos pontos que exerciam alguma função de administração.

O processo de urbanização provocou o aumento do número de cidades e a formação de grandes áreas metropolitanas, com uma elevada concentração populacional. Portanto, conhecer os espaços de sua cidade é se conectar com esta e compreender as ações que produzem as formas espaciais urbanas.

O ensino de uma geografia urbana, nesse caso do processo de urbanização, na escola permite analisar a lógica de produção da cidade, sendo fundamental para o discente a construção do contato com os diferentes lugares, o que promove maior compreensão da trajetória histórico-temporal do uso do espaço e transformação das paisagens ao longo do tempo. Nesse aspecto, o estudante poderá reconhecer, entre outras facetas, as necessidades impostas pelo modo de produção capitalista a determinados grupos sociais e indivíduos. Segundo Harvey (2004, p. 210 apud CAVALCANTI, 2011, p. 4) “Ao produzirmos coletivamente nossas cidades, produzimos coletivamente nós mesmos. Projetos referentes ao que desejamos que sejam nossas cidades são em consequência projetos referentes a possibilidades humanas”.

Vesentini e Vlach (2018) afirmam que a urbanização é um processo no qual a população urbana cresce a taxas maiores do que a população rural. A principal característica desse fenômeno demográfico é a concentração da população de um país ou região nas cidades e não em áreas rurais. Martine e McGranahan (2010, p.11), sobre o caso brasileiro comentam:

O Brasil experimentou, na segunda metade do século 20, uma das mais aceleradas transições urbanas da história mundial. Esta transformou rapidamente um país rural e agrícola em um país urbano e metropolitano, no qual grande parte da população passou a morar em cidades grandes. Hoje, quase dois quintos da população total residem em uma cidade de pelo menos um milhão de habitantes. Julgado em termos do número e tamanho de cidades, do peso das cidades na geração do PIB e do desenvolvimento da rede urbana, pode-se dizer que a urbanização brasileira já atingiu um grau elevado de maturidade.

A urbanização cearense, iniciada no século XIX, foi fortemente influenciada pela irregularidade de chuvas no estado. “[...] Como a seca desestruturava o espaço rural, provocava a migração. Esta concentração populacional no espaço urbano não era apenas sazonal, pois parte desta população migrante fixava-se na cidade e, dessa forma, interferia nas práticas urbanas. [...]” (COSTA, 2008, p. 183). Na capital, além dos impactos da seca,

A ampliação das atividades terciárias (comércio e serviços) e a instalação de indústria de beneficiamento de produtos primários em Fortaleza atraíram novos moradores para esta cidade. Fortaleza teve acentuado crescimento populacional e a malha urbana expandiu-se, com a formação de bairros ao longo das linhas de bonde elétrico. (COSTA, 2008, p. 186)

Entretanto, vale salientar que, de acordo com Costa (2008), existiam medidas, normas e leis, criadas pelo poder público para padronizar o comportamento dos indivíduos da cidade, buscando adaptação da massa ao modo de vida urbano. As leis tocavam desde a

maneira de se vestir até a utilização de água pelos moradores da cidade e eram principalmente direcionadas aos imigrantes, no intuito de civilizar os recém-chegados.

O chamado processo de “civilização”, de urbanização da sociedade fortalezense foi lento e marcado pelas idéias dominantes na Europa. Ainda não se estava no atual processo de globalização da sociedade, mas o comércio, a difusão cultural e científica muito contribuíram para a disseminação e domínio da cultura, da civilização ocidental. (COSTA, 2008, p. 201)

O recorte apresentado da cidade de Fortaleza focou na Av. Francisco Sá, Praia de Iracema e Av. Santos Dumont. Os pontos escolhidos podem auxiliar na visualização de como o processo de urbanização transformou a capital, com o intenso crescimento da população e das relações de comércio.

O ponto de partida é a Avenida Francisco Sá, importante trajeto para a história da cidade, que foi de polo industrial para área de comércio e habitação e passa por bairros como a Barra do Ceará, Carlito Pamplona, Álvaro Weyne e Jacarecanga. Alguns pontos apresentados foram o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), antigas indústrias que se encontram desativadas, como a Brasil Oiticica, o projeto Vila do Mar e alguns casarões na parte da avenida localizada no Jacarecanga. Ao longo da Av. Francisco Sá concentrou-se a atividade industrial de Fortaleza e do Ceará.

Um dos primeiros pontos a serem apresentados foram aos antigos locais que funcionavam as indústrias, diversas delas se encontram atualmente desativadas ou são espaços com novas funções. Em relação a isso, Lima (2014, p. 51) conta que

Durante o surgimento das primeiras indústrias, a população era atraída vagarosamente e os próprios industriais construíam as moradias dos seus operários mais permanentes, devido à escassez da mão de obra. Assim nasceram a Vila São José (Filomeno Gomes), em Jacarecanga; o conjunto J. Pinto do Carmo, na Rua José Bastos; a vila dos Ferroviários, junto às oficinas dos Urubus. Os operários não especializados levantavam seus barracos nos areais do atual Pirambu, servindo-se de palhas de coqueiro e caixões das embalagens de máquinas vindas da Inglaterra para as indústrias de então, conforme declaração de um dos mais antigos industriais da zona.

Foi explorado no percurso um conjunto de antigos casarões, localizados na parte inicial da via, no bairro Jacarecanga. Durante o final do século XIX e começo do século XX, as luxuosas residências pertenciam às famílias da elite alencariana. Quando as indústrias começaram a aparecer no trecho, trazendo consigo uma massa de trabalhadores, as famílias abastadas acabam mudando sua localização para outros bairros.

A Av. Francisco Sá passou por diversas transformações e representava um dos principais pontos de concentração industrial do estado. A Praia de Iracema, segundo ponto da trilha, também passou por diversas transformações, recebeu diversos aparelhos que compõem sua paisagem, além de ter sido um importante porto de embarcações, movimentando a economia fortalezense.

A Praia de Iracema é uma praia e um bairro, localizado no município de Fortaleza. O nome vem da personagem Iracema, protagonista do romance de mesmo nome, do escritor cearense José de Alencar. A obra narra a história entre a índia Iracema e Martim Soares Moreno, um dos primeiros portugueses a chegar à região de Fortaleza, que escolheu viver entre os índios, para enfim casar-se com ela. A imagem de Iracema ficou vinculada à capital, a praia foi batizada com seu nome e diversas estátuas foram esculpidas e postadas por toda a cidade. A estátua Iracema Guardiã, do artista plástico Zenon Barreto, foi inaugurada em 1996 no aterrinho da Praia de Iracema, e mostra a índia segurando um grande arco, olhando para o mar, como se estivesse em posição de batalha, por isso tem o título de guardiã. Anteriormente, a praia recebia o nome de Praia do Peixe, advindo da tradição jangadeira do local, habitado principalmente por famílias de homens da pesca.

Inicialmente, antes da construção do porto de Mucuripe, a praia era o centro portuário do Estado, as construções que existem na praia evidenciam isso, como a ponte dos ingleses, por exemplo. No entanto, com a chegada da família Magalhães Porto, responsável pela construção do artefato “O Estoril”, as famílias burguesas locais começaram a se concentrar ao redor da orla, e o bairro começou a se alterar. No ano de 1940, a Praia de Iracema passou a ser frequentada pela boemia fortalezense, e isso acabou construindo a identidade do local. A praia de Iracema, foi espaço de referência e tradição da cidade de Fortaleza, foi palco da cultura, boemia e arte da cidade durante décadas. (EVANGELISTA, 2013)

Além da forte ligação com o famoso romance indianista, o local também apresenta em boa parte de suas ruas, nomes que representam a tradição indígena, como rua Tabajaras, Cariris e Potiguaras.

De acordo com o Mapa Cultural do Ceará, pela Secretaria de Cultura do Estado, Magalhães Porto, descendente de portugueses, em meados do ano de 1920 constrói um palacete de taipa com ornamentos europeus dando-lhe o nome de “Vila Morena”, em

homenagem à sua esposa, carinhosamente chamada por ele de Morena. O prédio foi uma das primeiras residências de destaque na orla da Praia do Peixe ou, como ficou conhecida posteriormente, Praia de Iracema. No período da Segunda Guerra Mundial, a Vila Morena foi cedida aos soldados norte-americanos, que estabeleceram bases no nordeste do Brasil. Ao final do conflito, os soldados vão embora e a Vila Morena é alugada a Antônio Português e João Freire de Almeida, que transformaram o local em um restaurante. Já no final da década de 1940, a Vila Morena passa a se chamar Estoril, nome que advém de uma cidade em Portugal, e na década seguinte se torna ponto de encontro da boemia fortalezense, o que cria a identidade cultural do local.

No começo dos anos de 1990, a propriedade é desapropriada e reconstruída em concreto. O Governo Municipal ajudou a preservar e manter esse patrimônio, como diz Quintino (2017), em texto publicado no site Mapa Cultural do Ceará, nas duas últimas décadas o Estoril passou por diversas intervenções estruturais e ganhou diferentes usos. Em 1995, foi reinaugurado como Centro Cultural, recebendo atividades ligadas à cultura e à arte. Em 2008, em meio à requalificação da Praia de Iracema como projeto da Prefeitura Municipal de Fortaleza, recebeu ordem de reforma e restauração, concluída em 2010. Atualmente o prédio está totalmente restaurado.

Ponte dos Ingleses, que possui esse nome devido a empresa inglesa Norton Griffiths Company, responsável pela construção da estrutura, foi construída com o objetivo de melhorar a estrutura portuária do Estado. Iniciada em setembro do ano de 1921, a construção tinha a função de substituir a antiga ponte metálica, que estava decrépita para seu uso. Contudo, nunca foi inaugurada como porto, pois sua construção foi interrompida no ano seguinte, desde então, fora abandonada. Décadas depois, em 1994, um projeto de recuperação da estrutura, através da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, que recuperou e finalizou a construção, mudando sua utilidade e voltando-se para o uso público.

Após a abordagem da praia, a Av. Santos Dumont, uma das mais longas e importantes de Fortaleza, ligando o Centro à Praia do Futuro, é o último trecho da trilha. A sua importância para o trajeto se dá, principalmente, ao fato de ter crescido junto com Fortaleza, acompanhando as grandes transformações que ocorreram ao longo dos séculos, se transformando e ganhando uma nova cara a partir do intenso processo de urbanização na capital.

Segundo o autor e jornalista Eliezer Rodrigues, em entrevista concedida ao Jornal Diário do Nordeste, a avenida já fora a rua mais importantes da cidade, característica inicialmente por ser pouco habitado, mas abrigava alguns dos colégios mais tradicionais do estado, como a Escola Normal - Colégio Justiniano de Serpa, inaugurado em março de 1884, o Colégio da Imaculada Conceição, e o prédio onde funciona o Colégio Militar, também do século XIX. Os dois primeiros pontos de parada da trilha no percurso da Av, Santos Dumont são, portanto, o Colégio da Imaculada Conceição e o Colégio Militar.

O Colégio da Imaculada Conceição, fundado em 1865, tinha como finalidade abrigar e educar meninas órfãs que também deveriam aprender atividades consideradas úteis às mulheres. Porém, não foi inaugurado na Avenida Santos Dumont, se transferindo para esta apenas em 1867, devido à grande demanda. O colégio era comandado pelas Irmãs de Caridade, francesas que ocupavam as funções administrativas e cargos do corpo docente na instituição. (NÓBREGA, 2017)

À pouca distância está o Colégio Militar de Fortaleza (CMF), segunda parada na trilha. De acordo com Nóbrega (2017), as raízes históricas do empreendimento são antigas, mas já foi endereço de diferentes instituições. Em 1889 era da Escola Militar do Ceará, anos depois, entre 1911 e 1917, foi sede da Força Pública do Estado do Ceará (Polícia Militar) e, até 1919, do 9º Regimento de Artilharia Montada. Em 1919, o Colégio Militar do Ceará (CMF) foi criado, mas extinto duas décadas depois, em 1938.

Em 1942, o prédio abriga a recém-criada Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza (EPF), marcando a volta do ensino militar para o estado, duas décadas depois surgia oficialmente o Colégio Militar de Fortaleza. Uma curiosidade sobre o colégio é que, apesar de inaugurado em 1961, somente em 1989 passou a receber alunas mulheres. (NÓBREGA, 2017)

Como mencionado anteriormente, o grande destaque da avenida até então não era necessariamente habitacional, mas sim devido aos inúmeros grandes colégios que lá existiam, mas esse quadro mudou com a chegada do novo século.

Buscas no acervo “Fortaleza de ontem e de hoje - marcos prediais” nos levam ao terceiro ponto, o mais discreto de todos apresentados, a Vila Quixadá. No final da década de 1920, essa foi criada por Adolfo Quixadá, alugada por um período pelo governo estadual para ser a moradia do presidente do estado. Em 1930, voltou a ser usada pela família Quixadá,

sendo inaugurado o Ginásio São João, que em 1943 passou a ser Colégio São João. Na década de 1970, o colégio foi vendido para a Organização Farias Brito mudando o nome para Farias Brito Aldeota/1. Atualmente, o espaço abriga um supermercado.

O último ponto de parada da trilha, além de nos mostrar como a avenida se transformou ao longo das décadas, é fruto de uma história de amor, trata-se do Palácio do Plácido, atual Praça Luiza Távora.

Segundo Conde (2017), Plácido de Carvalho, rico comerciante cearense, durante uma de suas viagens à Europa, para a cidade de Paris especificamente, conheceu a italiana Maria Pierina Tacconi Rossi. Apaixonado, o comerciante pediu a moça em casamento, Maria avisou que só se casaria com uma condição: ele deveria construir um castelo para ela. Assim Plácido o fez. O palácio, como também era conhecido, ficou pronto em 1917 e sua aparência era luxuosa, inspirada em modelos da Europa, no entorno havia canteiros de rosas e plantas regionais e fontes de água, o imóvel mais imponente da Avenida Santos Dumont.

Plácido morreu aos 60 anos de idade e, cinco anos depois, Pierina construiu seis pequenos castelos próximos à construção principal. O projeto foi realizado por Emilio Hinko, de origem húngara. Hinko se tornou o segundo esposo de Pierina e juntos moraram em um dos castelinhos construídos após o falecimento de Plácido. Os demais foram alugados ou cedidos para parentes próximos morarem. (CONDE, 2017)

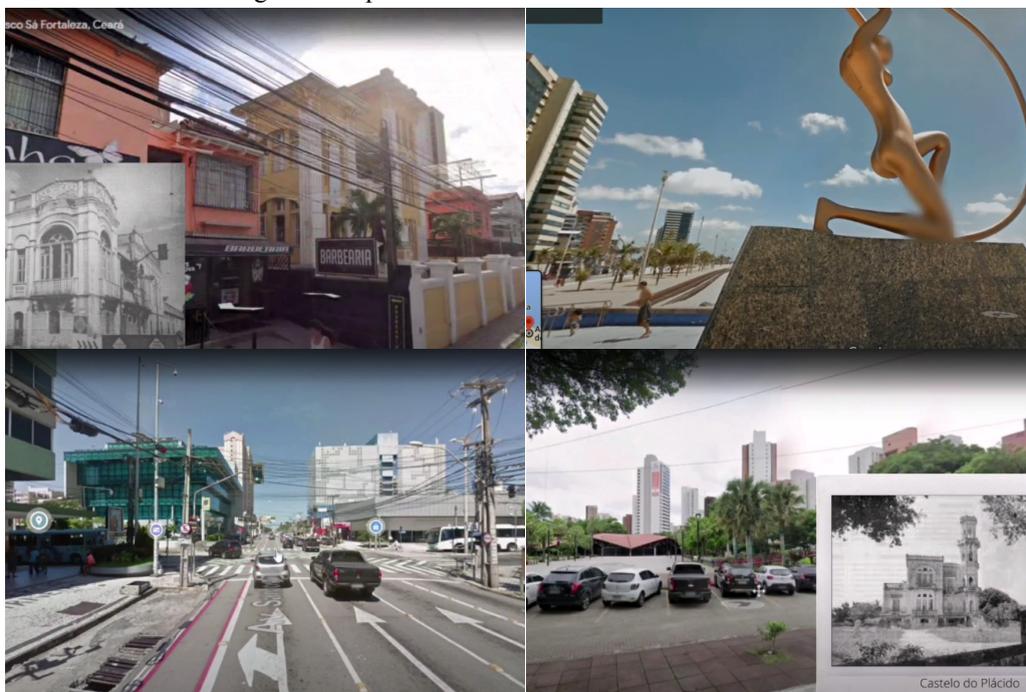
Após o falecimento de Perina, em 1957, a filha Zaíra tornou-se proprietária de todo o complexo, mas não morou no prédio. Segundo Conde (2017), a decisão da filha foi de vender o castelo ao grupo Romcy, para construir um supermercado no terreno. O prédio foi demolido 1970, apesar das críticas negativas da população e da imprensa do período. Entretanto, a proposta do supermercado nunca se concretizou. O grupo Romcy transferiu a posse do complexo, com o castelo principal demolido, para o poder público estadual, no intuito de quitar uma dívida com o Governo do Estado.

Nessa época, a primeira-dama Luiza Távora chamou o engenheiro Pedro Natale Rossi, coincidentemente sobrinho de Pierina, para construir uma edificação que pudesse abrigar os artesãos em plena produção. Anos mais tarde, em março de 1992, durante o Governo Tasso Jereissati, o prédio passou por reformulações que construíram a estrutura que existe atualmente, onde funciona a Central de Artesanato do Ceará (Ceart), restando da estrutura antiga apenas os castelinhos.

Percebe-se ao fazer a trilha, observando imagens do passado frente à realidade presente. A urbanização, percebida facilmente em toda a Fortaleza, se mostra nas modificações da malha viária, nas novas funções atribuídas aos lugares, no conjunto de prédios e pontos comerciais ao longo do trajeto, que já sediou indústrias, colégios, palacetes e castelos.

Atualmente, devido ao desenvolvimento econômico, crescimento populacional e aumento da demanda por uma série de recursos e serviços, preenchem a paisagem urbana os bairros verticalizados, instituições, empresas, shoppings, hospitais e centros clínicos, órgãos públicos, entre outros pontos que fazem parte da cadeia de funcionamento local (figura 2).

Figura 2: Capturas de tela do material Trilha Urbana Virtual



Fonte: Autores, 2022.

Sendo assim, o recurso audiovisual desenvolvido buscou abranger o tema da aula, urbanização, socializado no plano de aula, proposto para turmas do 7º ano do ensino fundamental. O plano apresenta como conteúdos programáticos o processo de urbanização; Consequências da urbanização; Paisagem urbana, com o objetivo principal de propiciar ao aluno um maior entendimento de como se deu o processo de urbanização, trazendo para o recorte fortalezense.

3.1 RELATO DO CONTEÚDO DA AULA COM USO DO RECURSO DIDÁTICO CONSTRUÍDO

Ao apresentar os pontos da trilha, foi possível explorar ainda mais o processo, entender suas características e apontar como a urbanização afeta os lugares. O resgate histórico feito confrontando imagens atuais mostram como a dinâmica urbana transformou a paisagem urbana da cidade de Fortaleza. No desenrolar das atividades, os livros didáticos do Ensino Fundamental foram consultados, além dos artigos científicos, para posterior transposição didática, no intuito de alcançar maior compreensão e reflexão sobre o assunto abordado.

Conforme Piletti (2007), recursos audiovisuais têm a capacidade de estimular a visão e a audição e colaboram para aproximar a aprendizagem a situações reais da vida. Portanto, a apresentação da trilha se mostra como uma atividade assertiva que, além de corroborar para a compreensão dos conteúdos de Geografia, pode promover maior identificação e aproximação do aluno espectador com a cidade.

3.2 IMPRESSÕES DOS DISCENTES EM GEOGRAFIA SOBRE A ATIVIDADE

Com a videoaula, construída através das diversas ferramentas apresentadas, como o Google Earth, a extensão Loom e aplicativos mobile, como o Inshot, foi disponibilizado na disciplina Oficina Geográfica III, um fórum para socialização do material final vídeo. Cada discente deveria assistir os vídeos elaborados e avaliá-los.

Em relação ao vídeo, recebemos diversos comentários positivos, quanto à escolha dos pontos, a metodologia utilizada e o traçado das transformações que a urbanização provocou nesses lugares. Dentre algumas avaliações consideradas, foi alertado sobre o uso de referências na finalização do vídeo, a utilização de transições, além da sincronização dos lugares apresentados. Aspectos técnicos, como os comentários, ajudam a enriquecer o material final. Os diversos discentes apresentaram suas dúvidas, dificuldades e anseios em relação à sintetização da aula.

A atividade, que exigiu bastante pesquisa, planejamento e sistematização, foi de grande importância no que diz respeito à introdução do uso de TDIC para a elaboração de

uma aula e como ferramenta para essa, estabelecendo uma relação mais próxima com as tecnologias e a transposição didática, além de simular uma aula de campo para estudo do meio, eficiente na realização de uma aula dinâmica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar a construção do recurso audiovisual no ensino de Geografia urbana, mostrando a importância das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) como uma ferramenta dinamizadora do processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, através de pesquisa, leitura e orientações sintetizadas pela orientadora, foi possível desenvolver o recurso audiovisual, baseado no plano de aula proposto pela disciplina Oficina Geográfica III. Pudemos observar a importância da utilização das TICs no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que ferramentas virtuais foram usadas durante todas as etapas do trabalho.

A geração atual está em constante contato com as diferentes tecnologias, logo, é importante que professores possam fazer uso delas. No momento da pandemia, o uso de diferentes metodologias de ensino e aprendizagem tem tornado as aulas mais dinâmicas e permitido explorar novas práticas junto ao aporte teórico, superando limites impostos pelo ensino remoto.

A elaboração do recurso audiovisual pode simular uma aula de campo, uma prática de estudo do meio, nos diferentes espaços de Fortaleza, relatando os diferentes impactos que a urbanização promoveu sobre eles. A temática de urbanização na capital, frente às proporções desse fenômeno, se faz importante para a compreensão do aluno sobre o espaço do seu entorno, entendendo como este é produzido e transformado ao longo do tempo. Além disso, esse entendimento pode aguçar sua curiosidade e o olhar crítico.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base.** 2022. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 8 dez. 2022.

CÂMARA, Barbara. Avenida Santos Dumont avança sem preservação histórica. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 12 de nov. de 2019. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/avenida-santos-dumont-avanca-sem-preservacao-historica-1.2174240>>. Acesso em: 02 abr. 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. APRENDER SOBRE A CIDADE: A GEOGRAFIA URBANA BRASILEIRA E A FORMAÇÃO DE JOVENS ESCOLARES. **Revista Geográfica de América Central**, vol. 2, julho-diciembre, 2011, pp. 1-18 Universidad Nacional Heredia, Costa Rica.

CONDE, Aline. **Praça Luiza Távora abrigou castelo**. 2017. Publicado em Diário do Nordeste Plus. Disponível em: <http://plus.diariodonordeste.com.br/praca-luiza-tavora-abrigou-castelo/>. Acesso em: 14 ago. 2021.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Urbanização da Sociedade Fortalezense. **Revista do Instituto do Ceará**, v. 122, p. 183-204, 2008.

EVANGELISTA, Isolda Machado. **UMA LEITURA SOBRE A PRAIA DE IRACEMA - FORTALEZA (CE)**: transformação socioespacial do lugar e suas representações. 2013. 212 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino remoto emergencial**: proposta de design para organização de aulas. UFRN: SEDIS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29767>. Acesso em: 10 mar. 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LENCIONI, Sandra. OBSERVAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE CIDADE E URBANO. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 109-123, 2008. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2008.74098. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74098>. Acesso em: 07 mar. 2022.

LIMA, Luiz Cruz. **Espaço da produção em movimento**: zona industrial da Francisco Sá. Fortaleza: EdUECE, 2014. 159 p.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 18, n. 2, p. 173-191, 2009. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360>. Acesso em: 12 mar. 2022.

MARTINE, George; MCGRANAHAN, Gordon. A transição urbana brasileira: trajetória, dificuldades e lições aprendidas. In: BAENINGER, Rosana (org.). **População e cidades**:

subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. Campinas: Núcleo de Estudos de População (NEPO) - Unicamp, 2010. p. 11-24.

MOREIRA, José Antônio Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, [S.L.], n. 34, p. 351-364, 3 jun. 2020. University Nove de Julho. <http://dx.doi.org/10.5585/dialogia.n34.17123>. Acesso em: 07 mar. 2022.

MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira; SOUSA JUNIOR, Francisco de; SENA, Thayana Brunna Queiroz Lima. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) e o Ensino de Geografia. In: Congresso Nacional de Educação, 2019, Fortaleza. **Anais VI CONEDU**. Campina Grande: Realize, 2019. v. 1. p. 1-9.

NÓBREGA, Jacqueline. COLÉGIOS TRADICIONAIS DE FORTALEZA. **Diário do Nordeste Plus**, Fortaleza, 26 de jun. 2017. Disponível em: <http://plus.diariodonordeste.com.br/colegios-tradicionais-de-fortaleza/>. Acesso em: 07 mar. 2022.

PILETTI, Claudino. Recursos de Ensino. **Didática geral**. 2007.

QUINTINO, André. **Estoril**. 2017. Mapa Cultural do Ceará. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/espaco/240/>. Acesso em: 14 mar. 2022.

VESENTINI, J. W.; VLACH, Vânia. **TELÁRIS: ensino fundamental - anos finais geografia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2018.

VIEIRA, Carlos Eduardo; SÁ, Medson Gomes de. Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.) **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2 ed. São Paulo: Conceito, 2010. p. 101-115.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World Health Organization Health Topics**, c2021. Coronavirus. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/coronavirus#tab=tab_1. Acesso em: 12 mar. 2022.